

guras que ladeiam o texto, mas verdadeiras *imagens etnográficas*. Acompanhadas de pequenos comentários-legenda, as imagens – fotografias, desenhos, mapas, jornais, documentos, entre tantas outras – nos apresentam desde peças-votos de cerâmica atenienses até os debates televisivos de 1992, revelando o minucioso trabalho de pesquisa do autor. Por tudo isso, *Un Homme, une Voix?* tem o valor de uma grande etnografia, capaz de fornecer ao leitor material para reflexão e novas interpretações.

**RICHARD, Lionel (org.). 1993. *Berlim, 1919-1933: A Encarnação Extrema da Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 211 pp.**

**Luís Edmundo de Souza Moraes**

Mestrando, PPGAS-MN-UFRJ

Após uma longa tradição de estudos nos quais a República de Weimar se constituiu progressivamente como objeto, somos tentados a afirmar que, no que se refere à forma pela qual foi construída, a década de 20 da história alemã apresenta-se como um momento que não pode ser estudado isoladamente, como se sua "razão de ser" fosse a ele exterior e o sustentasse. E, tal qual a sombra que antecipa o corpo, essa sustentação se encontra no seu futuro: é a chamada "ascensão do nazismo" que fornece à República de Weimar um lugar na galeria dos "períodos nóbres", merecedores de atenções, pesquisas e... resenhas. É como se a República de Weimar não possuísse contornos próprios e sua importância se devesse ao fato de ela ser um momento de "gestação", cujo elemento gerado daria a ela o *status* que sozinha não possuía (ou não possui).

E isso não é de nós desconhecido! Essa "atitude metodológica" que permeia boa parte dos estudos sobre a Alemanha da primeira metade deste século não é aí uma exclusividade: falo da incansável procura (que obviamente sempre encontra o que busca), levada a cabo por um tipo de análise retrospectiva, das séries de conexões causais que estabeleceriam as "origens" que, por sua vez, levariam, inexoravelmente, as coisas a serem como foram.

Tal olhar retrospectivo é aqui amparado por um grande trunfo (como sempre): ele conhece os pretensos "resultados", o "fim": Hitler foi nomeado chanceler em 1933 e a partir daí concentra, e redistribui, progressivamente o poder de Estado etc. Porém, muitas vezes, ao partir desse fim para os supostos "inícios", o olhar tropeça ao proceder a recortes históricos e buscar nessa periodização particular, qualquer que seja ela, aludindo a Brecht, o "ventre cheio". Dito de outra forma, projeta para um recorte qualquer do passado, numa ansiosa pesquisa pelas origens, a sua necessidade de nele "inventar" as causas primeiras que, desde sempre, estão impregnadas pelos "fins" que as encaminhariam para aquele "final". Teleologia montada, fica, assim, fácil rebater os "inícios", tenham o nome que tiverem – a "Guerra de 14", o caráter autoritário, deformações estruturais do capitalismo, vida democrática frágil, a pressão de Versalhes etc. –, cada qual incorporando seus próprios "fins" no "fim" último que resta explicar: "deu no que deu devido à contribuição de cada um dos elementos desse processo" – processo, reitero, orientado pelo analista para o "fim" em questão.

Perspectivas de repensar essa "forma de pensar" desde há algum tempo se delineiam e a estas vem se somar

*Berlim, 1919-1933: A Encarnação Extrema da Modernidade*.

Os trabalhos reunidos por Lionel Richard têm em comum uma aposta: sair da monotonia e das determinações do olhar distanciado (topograficamente falando) e cair no árduo terreno das incertezas inerentes ao olhar coetâneo. A aposta foi, usando termos de Norbert Elias, sair de "um mirante elevado" e experimentar a "visão do nadador".

Para isso se combinam textos de perfil acadêmico (de áreas como história, arquitetura, literatura, artes plásticas, música) com textos jornalísticos, entrevistas, "memórias", buscando, enfim, construir um quadro com tonalidades que ultrapassem a monotonia bicolor das páginas impressas.

Porém, antes de seguirmos, uma breve ressalva: o volume é dividido em três partes, além do prólogo, cada uma correspondendo a um "momento" de uma periodização que nos é proposta: 1919-24, 1924-29, 1929-33. No entanto, quando se passa da fixidez dos recortes temporais encontrados no índice, que, como quaisquer outros, são arbitrários, à leitura dos textos que se refeririam a tais "períodos", não podemos evitar uma certa alegria (ou, dependendo do caso, frustração): percebemos logo o malogro de tal projeto *periodizador*. Um tipo de abordagem como a que é feita transgride periodizações, justamente porque lida com processos e com gerenciamentos de processos que, múltiplos, relativizam os limites arbitrários impostos pela própria divisão em períodos, com a sua clássica estrutura de começo-meio-e-fim.

Exemplo cabal disso vem justamente no primeiro dos textos, que, logo depois de um prefácio que justifica essas divisões, não deixa de nos surpreender. "Um Arquipélago Hierarquizado", de Gerhard Brunn e Detlef

Briesen, apresenta uma visão de Berlim como uma "justaposição de 'pequenas cidades'" não cronologicamente sucessivas, mas, ao contrário, coetaneamente estruturadas, com regiões e fronteiras definidas, mundos peculiares e ritmos de vida diferenciados. Quem esperava ler sobre a *Berlim* weimariana vê surgir muitas *Berlins*. Nesse texto, como nos outros que buscam tratar do processo de "metropolização" da cidade – "Nascimento da Grande Berlim" (W. Ribbe), "Excluídos e Delinquentes" (E. Geisel) e "Explosão Artística e Contestação" (J. Schebera) – são os brilhos e as opacidades berlinenses que aparecem em cores fortes. Porém, ao lado dessa visão, o olhar atento identifica o pós-guerra alemão.

Atravessando mares já muito navegados, os textos da coletânea deixam-nos uma certeza: a de que a originalidade no tratamento de questões é uma possibilidade muito concreta e relativa justamente ao tipo de pergunta que informa o olhar do investigador. Exemplo disso é o já muito discutido processo hiperinflacionário do princípio da década de 20. Tangenciado pela maioria dos textos do volume, o aumento de preços, a diminuição dos gastos, o desemprego e a ruína de famílias inteiras são tomados como pano de fundo que permite uma compreensão mais acurada de conflitos entre locatários e locadores, fregueses e comerciantes, vizinhos, familiares e do redimensionamento de papéis e lugares de agentes sociais nesse processo.

Na parte referente ao segundo dos recortes temporais, composta por textos que abordam a indústria cinematográfica (P. Le Moal), a vida teatral (L. Siaud), a universidade (D. Bourel), o mundo da imprensa (P. Huynh) e diversas formas de expressão da tensão entre "modernização" e "conservadorismo" (sexua-

lidade, R. Dose; urbanismo, A. Jaeggi; a "racionalização" administrativa, K. Strohmeyer), Marianne Walle, em "As Berlineses e seus Combates", vê, por entre a espessa malha de trabalhos e dados que encobre a vida no processo hiperinflacionário alemão, as progressivas modificações dos espaços que ocupa e por onde transita a mulher. Trabalhando com depoimentos e material arquivístico de tipo variado, Walle identifica o processo de independência da mulher catalisado por uma situação de ruína de muitas famílias. A crise e a politização dos espaços de trabalho e da família abrem novas frentes de luta que se materializam em *combates* de uma nova ordem: equiparação dos salários, luta pelo direito ao aborto e pelo planejamento familiar.

Da mesma forma, Eve Rosenhft, em "Guerra das Ruas", busca compreender dimensões da "política" e da "economia" que são muito menos e muito mais que sua formalização em dados numéricos. Assim, volta-se para um bairro berlinense da década de 20, amparado por um razoável espectro de fontes, e retrata conflitos dos mais variados tipos que extrapolam a crise econômico-financeira por que passa a Alemanha, mas que por ela são exacerbados. Aqui, como em J. Kuczynski ("Efeitos da Crise no Cotidiano"), P. Soupault ("Renições Hitleristas"), J.-M. Palmier ("John Heartfield, Artista e Militante") e, de forma singular, no depoimento de A. Flocon ("Atribuições de um Jovem Comunista"), a política deixa de ser a simples contagem dos votos e é pensada como a forma pela qual se demarcam espaços, se desconstroem e reconstroem limites das mais variadas ordens nas/pelas/para as relações dos indivíduos presentes nos casos estudados. Utilizando a linguagem braudeliana, a longa e a média durações combinam-se

com coincidências, acidentes que revelam uma margem de indeterminação própria da vida social.

O fato curioso da forma de pensar a República de Weimar, expressa nesses breves exemplos, não se encontra em quaisquer inovações de ordem teórica ou metodológica no trato de um objeto-já-construído e que, graças a seu futuro, já possui um lugar garantido na galeria dos "objetos nobres". Este livro é a expressão de um movimento em sentido contrário. A distância em relação a outros tipos de estudos sobre o pós-guerra alemão não transparece mais numa diferença de grau, onde, de acordo com os gostos, o período weimariano estaria mais ou menos "amarrado" a seu próprio porvir. Ao contrário, aqui a teleologia se desconstitui e à diferença de grau se contrapõe um objeto de "natureza" diferenciada: o futuro é uma das muitas possibilidades de gerenciamento e gestão do presente que, por isso, não deixa antecipadamente as marcas no rosto.

Saem de cena os grandes personagens de uma historiografia (não tão falida assim) que limitam as potencialidades da conjuntura. Saem também de cena as "massas uniformes" e os dados multiformes ou amorfos (tão caros a muitos que trataram da República de Weimar) de levantamentos econômicos e sociológicos pouco frutíferos. Estamos aqui no terreno dos agentes, com nome, endereço e profissão, bem como no dos agenciamentos concretos da conjuntura que, informados por diversas perspectivas e a partir de múltiplas motivações, apontavam para diversos "fins", mas não determinavam nenhum "fim".

Porém, não nos enganemos: Alain Brossat ("Cenas do Fim do Mundo"), pensando o 30 de janeiro de 1933 – dia em que Hitler assumiu a Chancelaria –, nos deixa a certeza de que o abandono

de "leis de ferro" (sejam elas da história, da sociedade ou qualquer outra) não nos joga nos braços da indeterminação. A continuidade e a descontinuidade, a herança e o acaso, formam um "caldo" *sui generis* a partir do qual processos são gerados e gerenciados em função dos agentes, de seus projetos e das mediações necessárias para sua realização. A surpresa e a previsão não aparecem aí como excludentes, mas, antes, como complementares.

Partes de uma Alemanha saída de derrotas e revoltas, Berlim e os berlinenses, tal qual apresentados pelos textos que compõem o livro, constituem, assim, a possibilidade de pensar uma vida social na qual as tensões entre Império e República, entre nazistas e comunistas são apenas algumas dentre muitas outras possibilidades de um cotidiano que, se inexistente, responsabilizaria o futuro por conceder à República de Weimar o direito à vida.

**VELHO, Gilberto. 1994. *Projeto e Metamorfose, Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 137 pp.**

**Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti**

Prof<sup>a</sup> de Antropologia, IFCS-UFRJ

*Projeto e Metamorfose* reúne artigos sobre diferentes temas (religião, política, desvio, drogas, literatura, violência) construídos a partir do interesse central da obra de Gilberto Velho, as sociedades complexas, e dentro dela o tema dileto da cidade e seu modo de vida. Escritos ao longo dos últimos anos, e em sua maior parte publicados anteriormente em diferentes revistas e coletâneas especializadas, a sua reunião evi-

dencia a continuidade das reflexões do autor. O livro configura o traçado de uma verdadeira exploração urbana, ou seja, um percurso interessado e arguto de pesquisa e observação sobre temas que povoam o cotidiano das diferentes camadas e grupos sociais da grande cidade.

O encantamento e o fascínio mesmo do autor pela liberdade individual propiciada pelo meio urbano – há um subtexto que percorre o livro, como que o impulso afetivo do empenho de compreensão, que parece nos dizer "abençoada metrópole!", "abençoado indivíduo!" – traduz-se intelectualmente na problemática sociológica das sociedades complexas e a característica coexistência de diferentes estilos de vida e visões de mundo. Juntos, esse impulso e sua tradução, configuram, de um lado, uma visão de mundo essencialmente democrática, avessa a qualquer forma de autoritarismo (ver capítulos V, "A Vitória de Collor", e VII, "A Dimensão Cultural e Política do Mundo das Drogas"), e, de outro, a proposta de uma antropologia sofisticada, avessa a qualquer perspectiva linear e homogeneizadora de compreensão da vida social.

Nesse contexto analítico, trata-se de problematizar teoricamente a clássica temática das relações indivíduo/sociedade: os conceitos de cultura, projeto, campo de possibilidades, trajetória e metamorfose, que povoam os diferentes artigos, são propostos como sugestivos mediadores entre os dois termos dessa relação. Trata-se também de compreender a complicação do Brasil contemporâneo: uma sociedade caracterizada pela fluidez das fronteiras entre níveis diferenciados de cultura (ver capítulo IV, "Cultura Popular e Sociedade de Massas").

O capítulo I, "Unidade e Fragmentação em Sociedades Complexas", con-